



## COELHO NETO

Antônio Sales sempre se mostrou fascinado pela palavra de Coelho Neto. Confessara mesmo que durante uma viagem marítima que, coincidentemente, ambos fizeram ao Nordeste, pelo vapor Olinda, em fevereiro de 1918 não ouviu outra pessoa nem falou com mais ninguém, embevecido pelo fascínio pessoal de Coelho Neto.<sup>1</sup>

O nosso fecundo escritor maranhense chegou ao Rio com vinte e dois anos de idade e durante quatro anos passou a integrar a famosa boêmia literária onde pontificavam Bilac, Aluísio Azevedo, Paula Nei e Luís Murat.

Seu casamento com a carioca e inteligente Gabi *“fez nele desaparecer de todo o antigo boêmio e contrair hábitos regulares de trabalho”*. A família cresceu, seus compromissos o obrigaram a que escrevesse febricitantemente, deixando-nos por fim um legado cultural que ascende a cento e doze volumes publicados. Deixou a galhofa e a capoeira pelo estudo e pela pena e embebendo-se com exagero nos clássicos, passara a escrever num estilo que só lhe causaria críticas e censuras acerbas tanto do público como da própria roda literária.

E aqui mesmo no Ceará seria ele violentamente agredido, correndo Antônio Sales em sua defesa<sup>2</sup>; daí a carta que lhe mandou o autor de Conquista em cujo trecho final afirmava: *“E francamente, meu poeta, se o ataque me surpreendeu pela brutalidade, alegrou-me revelando o teu caráter, cuja fama eu já ouvia apregoar e do qual serei de ora avante pregoeiro. És um homem! e, como tal tipo é hoje raro, já agora agarro-me ao que me deparou a fortuna, fazendo-o um amigo e dos bons, que são aqueles que aparecem in re incerta. Obrigado e muito obrigado. Pedindo licença para beijar a mão de tua Senhora, sou teu confrade e amigo muito admirador e muito grato”*.

O lar de Coelho Neto, no bairro das Laranjeiras, frente ao estádio de futebol do Fluminense, era freqüentado pela fina flor cultural do Rio e Gabi sabia como ninguém receber, nos saraus, Murat, Bilac, Guimarães Passos e Mallet, entre outros.

Tricolor doente, a morte de Emanuel, o Mano, num acidente, seu filho mais velho, e zagueiro do tricolor, aos vinte e quatro anos de idade, a perda

de sua companheira Gabi<sup>3</sup> em dezembro de 1931, as ingratidões, as incompreensões de uma nova geração, tudo contribuiu para que o nosso Antônio Sales, ao vê-lo na Academia Brasileira de Letras, um ano antes de seu falecimento, em 1933, *“alheado, descarnado e pálido, com uma expressão esquisita no semblante, mudo e parado, ele que fora sempre loquaz e ágil”*, anotasse nestes versos suas tristes impressões:

*“Pobre amigo, que surpresa  
eu sinto por ver-te agora  
envolto nesta tristeza  
que nunca te vi outrora!*

*Vejo em teu semblante absorto,  
em teu olhar desatento,  
que te enluta o pensamento,  
a sombra de um sonho morto.*

*Sim, tu que foste na arena  
um lutador destemido,  
tens hoje um ar de vencido  
que a todos nós causa pena.*

*Das tuas mãos descarnadas  
com um gesto não nos animas;  
— pobres mãos, tem-nas cansadas  
de burilar obras-primas.*

*Quis o destino inumano  
fazer-te um deserto aqui:  
— depois de levar-te o Mano,  
arreatou-te Gabi.*

*A tua aparência calma  
traí um desgosto profundo:  
tu sem Gabi neste mundo  
és como um corpo sem alma.*

*Vais deixando atrás a vida,  
vais a caminho da morte,  
tu que foste sempre forte,  
entre os mais fortes na lida.*

*Segue a senda merencória,  
por estes trilhos desertos:  
além, de braços abertos,  
sorrindo, te espera a Glória”.*

Antônio Sales como que previra o desaparecimento do escritor acadêmico, o que se deu em novembro de 1934. E rematava: "*É mais um que se retira sem deixar substituto idôneo*".

## NÓTULAS

- 1 "Ouvir Coelho Neto falar dessa época com a graça e a fluência de sua arte de conversador exímio, era um encanto, que eu gozei longamente por ocasião de uma viagem que fizemos ao Norte, eu em rumo ao Ceará, e ele com destino ao Maranhão, onde ia ingenuamente disputar uma eleição contra o partido governamental. E até nos separarmos no Porto de Fortaleza, nem ele nem eu conversamos com qualquer outra pessoa". *Antônio Sales.*
- 2 O autor dos artigos contundentes contra Coelho Neto chamava-se Manuel Monteiro. Assinou no Correio do Ceará, em 1918, na seção Comentário, as crônicas Coelho Neto, Ainda Coelho Neto, Outra vez Coelho Neto e Antônio Sales e Coelho Neto. Ante o protesto veemente do autor de Fábulas Brasileiras o agressor literário foi mais violento: "O que penso é que ele é um escritor artificialíssimo, enciclopedicamente ignorante (só sabe palavras), incapaz de idéias gerais, de intuição psicológica, de imaginação criadora, e até mesmo de simples retentiva para as imagens plásticas e coloridas do mundo exterior: um mero vocabulário ambulante, em busca de um estilo; o que penso, enfim, é que esta minha opinião, que a muitos parecerá injusta e apaixonada, irá ganhando terreno com os anos, até que, depois da morte do principal interessado, e cessando de funcionar o fole danado da reclame, extinga-se de todo o fogo sagrado da admiração pelo estilista, e os cento e cinqüenta volumes de Coelho Neto (faço votos para que ele complete esse número) deslizem suavemente para o mare magnum indistinto das obras meio esquecidas, descendo talvez abaixo da linha de flutuação dos romances de Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo". Manuel Monteiro, o jornalista cratense que também andou pelo Rio colaborando em O País faleceu há vinte e quatro anos atrás. Quem ainda dele se lembrará? No entanto. . .
- 3 Antônio Sales dedicou-lhe o poemeto Agar e Gabi, esta na época Presidenta da Cruz Branca. Vejamos estas duas sextilhas:  
"Gabi é uma ilustre dama,  
que frui os prazeres nobres  
de um ninho de arte e de amor,  
mas em cujo peito a chama  
da compaixão pelos pobres  
nunca perdeu seu fulgor.  
  
Quem com amor em ti pense  
e busque o pão, que te arranca  
à morte, não falta aqui.  
Desditosa mãe cearense!  
Beija este emblema — a Cruz Branca!  
honra este nome — Gabil"



## UM RUISTA APAIXONADO

Com a aproximação do término do mandato presidencial de Venceslau Brás, o problema sucessório ficara resolvido com a indicação do nome do paulista e antigo presidente Rodrigues Alves para o alto cargo, cabendo ao mineiro Delfim Moreira da Costa Ribeiro o da vice-presidência. Seria o acatamento ao famoso binômio café com leite.

Eleições efetuadas a 1.º de março de 1918 consagraram a escolha acima. Rodrigues Alves, reeleito mas gravemente enfermo, permaneceria em Guaratinguetá tomando posse em seu lugar, interinamente, a 15 de novembro de 1918, Delfim Moreira.

O Brasil, convidado a se fazer representar na Conferência de Paz, em Versalhes, indicava o nome de Rui Barbosa para essa relevante missão. Mas diante de sua recusa, era sondado o senador pela Paraíba, Epiácio Pessoa, que a aceita.

Não apresentando melhoras e falecendo Rodrigues Alves em dias de janeiro do ano seguinte, em sua residência, no Rio, marcaram-se novas eleições para o preenchimento do cargo vago. À tríade São Paulo—Minas—Rio Grande do Sul cabia a responsabilidade de indicar ao eleitorado nacional o sucessor do Papai Dorminhoco. A candidatura de Altino Arantes, governador de São Paulo, fora logo afastada. Restavam, de um lado, Artur Bernardes, governador de Minas, e do outro, Rui e o gaúcho Borges de Medeiros. Aparecia Nilo Peçanha e se declarava partidário de Rui mantendo-se em reserva os líderes da trindade. Todavia, quando Raul Soares sugeriu o nome de Epiácio Pessoa à sucessão presidencial, todas as correntes partidárias percebem que se encontrara a fórmula salvadora e conciliadora capaz de amenizar a oposição dos pampas e, ao mesmo tempo, enfraquecer as possibilidades de êxito do senador baiano. Antônio Sales acertara em cheio quando afirmava: *“Todos o consideravam (referia-se a Rui) como um Presidente Honorário da República, mas não o queriam como efetivo, provavelmente porque achavam o santo excessivamente grande para o altar”*.

Assim, dois nomes permaneceram no páreo: Epiácio e Rui, este novamente abandonado por seus correligionários, cansado, septuagenário, e que

já sentira o paladar da derrota ao concorrer com o Marechal Hermes da Fonseca.

Mais uma vez a Águia de Haia (118.303 votos) seria superada com a fácil vitória obtida nas urnas de 13 de abril de 1919 pelo antigo Ministro da Justiça de Campos Sales (249.342 votos).

E o que se passava por aqui? Em 25 de janeiro de 1919 era criado em Fortaleza o Comitê Pró-Rui composto por dezoito figuras<sup>1</sup> representativas da sociedade fortalezense e destinado à propaganda da candidatura do senador baiano à Presidência da República. Um telegrama, contendo setenta e cinco assinaturas entre médicos, comerciantes, professores, magistrados, capitalistas, fora enviado à imprensa do Rio e ao candidato nestes termos: *"Cearenses ciosos bem estar, progresso, alevantamento moral nossa pátria, abraçamos máximo entusiasmo feliz acertada idéia candidatura presidência república eminente senador Rui Barbosa, glória maior nosso povo, penhor seguro soerguimento vida política administrativa nação brasileira"*.

Antônio Sales não ficou infenso aos problemas políticos nacionais nem deles jamais se omitiu. Lutou a favor de seu candidato, Rui Barbosa.<sup>2</sup> Pelas páginas do Correio do Ceará lançou vários artigos como o Dever do Brasil, Ponto Final, Em Bem da Pátria, O Nosso Dever, Ao Mais Digno, O Único Candidato, Alea Jacta Est, Consumatum, todos de fevereiro de 1919, defendendo seu ponto de vista.

Fez parte atuante daquele Comitê, espécie de Comissão de Propaganda em favor de Rui, escolhida durante uma sessão solene realizada no Edifício da Fênix Caixeiral;<sup>3</sup> ficava sem compreender como ao *"chefe da consciência e da mentalidade nacional"* ainda não se tivessem entregue os destinos políticos de nossa terra.

Reclama das hostilidades recebidas por parte dos opositores, os termos desrespeitosos riscados pelas calçadas de Fortaleza e os boletins insultuosos espalhados pela cidade.

Repelia a opinião de muitos que consideravam Rui um demolidor responsabilizando-o, tempos atrás, pelos erros do governo provisório e declarava: *"Quando tudo se agacha, ele se levanta; quando tudo cala, ele clama; quando tudo se esgueira, ele se mostra; quando tudo consente, ele protesta."*

*E é, talvez, por isso que dizem que ele só sabe destruir. . . Mas já meditaram seus acusadores sobre a natureza e qualidade das coisas que ele tem destruído? Bendito seja o camartelo que destrói abusos, que derriba tiranias, que esmaga injustiças, que combate vícios e pulveriza calúnias!*

*Destruir assim é criar, é criar um novo espírito de justiça, de moral e de ordem num meio onde todos esses elementos componentes da consciência política de uma nação se dissolvem cada vez mais, ao choque dos interesses partidários e das desabusadas ambições pessoais.*

*Precisamos ter à frente dos destinos da República um homem que esteja fora e acima dos partidos, e nestas condições só há um vulto em todo o país — é Rui Barbosa.*

*Aos partidos cabe apenas ratificar a escolha do povo, para que ele possa governar com a opinião e realizar as suas aspirações de ordem e de progresso, que têm sido até agora um rótulo vago e enganador na formosa bandeira da Pátria”.*

Mas ao surgir inopinadamente a candidatura de Epitácio, proclamada pela Convenção Nacional de 25 de fevereiro de 1919 que lhe deu 139 votos contra 42 dados a Rui, o próprio Antônio Sales considerava, daí por diante, fracassada a causa de Rui, que perdia, assim, o apoio do Norte e do Nordeste. Falaria mais alto o sangue nordestino que desejava o quase impossível: a presença de um estado pequeno, como a Paraíba, representado por Tio Pita, na liderança dos nossos destinos, e, conseqüentemente, a esperança de melhores dias para o sofrido povo daquelas regiões.

Antônio Sales reconhecia qualidades incontestáveis em Epitácio como talento, ilustração e a origem nordestina. Mas considerava Epitácio um nome forjado por uma convenção de partidos, sem a participação soberana da vontade popular, enquanto Rui a expressão legítima da opinião nacional, *“uma coisa platônica, que não dispõe de meios práticos de ação para se fazer valer; ela fala, mas ninguém ouve; escreve, mas ninguém lê; protesta, mas perde sempre”.*

Afinal, no dia 28 de julho de 1919 Epitácio Pessoa tomava posse e Rui amargaria mais uma decepção.

Antônio Sales, ruísta consciente, mesmo sabendo-se derrotado, conclamava a que todos os brasileiros não acorrentados aos grilhões partidários deveriam votar em Rui, o que seria pelo menos uma forma silenciosa de protesto à espoliação imposta ao maior dos brasileiros. E em sua crônica política *Consumatum*, diante do fato consumado, não se conteria: *“Rui Barbosa não caiu; ficou de pé, olhando do alto o rebanho gafado da politicagem passar em marcha para o túmulo dos ideais republicanos”.*

## NÓTULAS

- <sup>1</sup> Dr. Manoelito Moreira, Antônio Sales, Dr. Antônio Teodorico da Costa, Raul de Sousa Carvalho, Dr. Francisco de Menezes Pimentel, Oscar de Alencar Araripe, Demócrito Rocha, Mário Felício, Francisco Pires de Holanda, Joaquim Markan, José Francisco Alves Teixeira, Possidônio da Silva Porto, Luís de Sousa Girão, Antônio Drumond, Edgard Carneiro Leão de Vasconcelos, Júlio César da Fonseca Filho, J. Magalhães, Dr. César Cals de Oliveira.
- <sup>2</sup> Abandonado por seus correligionários, Rui perdeu as eleições para o Tio Pita e se recolhe a um natural mutismo. Nesse fato inspirar-se-ia Sinhô (José Barbosa da Silva), por sinal admirador do senador baiano, para compor o samba que marcou sucesso no Carnaval de 1920, *Fala, meu louro*, em cujos versos estão retratados o grande orador (bico dourado) e a privilegiada inteligência (coco de respeito) que caracterizavam a figura de Rui. Gravado por Francisco Alves em Disco Popular, afirma o crítico musical

**Vasco Mariz que Fala, meu louro** causou tumulto na Faculdade de Direito de Salvador.

Aproveitando-se do **sucesso** desse samba satírico foram lançadas duas revistas de caráter político: **Papagaio Louro**, dos Irmãos Quintiliano, estreada no Teatro São José a 27 de julho de 1919 e **Coco de Respeito**, de Henrique Júnior e músicas de Paulino Sacramento e Raul Martins, estreada no Teatro Recreio a 24 de maio de 1921.

- 3 "Mas nós, que estivemos neste estado à frente da propaganda da candidatura Rui Barbosa, entendemos que este e só este deveria ser o Presidente da República, que a sua preterição é uma injustiça revoltante, uma ingratidão clamorosa e um crime contra os interesses da Pátria e contra a vontade popular. O Brasil perdeu mais um ensejo, talvez o derradeiro ensejo de pagar sua dívida de gratidão a Rui Barbosa e de honrar-se em tê-lo como seu primeiro magistrado" Antônio Sales em Consumatum.

ceiro  
nho d  
saindo  
Gurgel  
Menez  
efetivo  
A  
toridad  
nutos  
há oit  
palestr  
oficial  
Tomé.  
F  
nhor J  
lia, o c  
lo, Co  
Soares  
tado e  
tado c  
que m  
sem  
para a  
às leit  
Elogia  
temas  
mava  
criaçã  
procla